



ARAR PALAVRAS.

ENTRE-VOZES, SILÊNCIOS, PALAVRAS.
COMO TU, COMO NÓS.

Paulo César García

Ana Luísa Amaral escreve para possuir outros mundos. Das palavras e das coisas, cria frutos em maturação e a coloca sob o colo, sob a visão do leitor que, em incitação com sentidos e gestos nada estereotipados do real, mergulha na sensibilidade crítica da literatura da escritora portuguesa. Estranhar a poesia de Ana Luísa é desapegar da unicidade do significado e transpor o seu estado para ofertar a natureza humana, transitando com o poder de estar em brevidade com as formas de existências. Senhora de si e de quê ou dona das formas simples de dizer tudo, o ato de desassemelhar com o real é a todo instante movido e deslocado, desfazendo significados que contradizem com o instituído sistema. Desordenada a escrita, fala da mulher, das pessoas em diferenças com o seu sexo, gênero, sexualidades.

O meu encontro com Ana Luísa ocorreu na Ilha de Santa Catarina, no Mercado Público, centro da cidade de Florianópolis, regado a ostras, cerveja e muitas palavras, trocas de ideias, conhecimentos, diálogos fecundos que surtiram convites. Um deles, a minha inserção no Grupo de Pesquisa Intersexualidades e o intercâmbio entre a Universidade do Estado da Bahia | Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural e a Universidade do Porto | Faculdade de Letras – Instituto de Literatura Comparada Margarida-Losa. Entre os silêncios, entrava o oceano de afetos, entre Salvador – Bahia, a minha terra, o Porto, Lisboa, entre-lugares, entre-palavras que deixavam horas a passar na primavera nada

Árabe. Tudo interseccionado e misturado num papo antropofágico e que girava em torno de religiosidades, literatura, culturas, gentes. Tudo entremeadado, fluxo de ideias aradas por palavras que contagiavam. Rendi à sacralidade da Poetisa, Senhora de todas as formas de ser afetado. Como nós, por exemplo, leitores que brotam a cada sensação de leituras em obras literárias, pude expressar a decantação culminada pela poesia de Ana Luísa Amaral. Assim nasceu a ponte da amizade em suas múltiplas travessias. Entre as quais conhecer a sua obra literária e a tarefa de ter sido escolhido para organizar, juntamente com Emerson da Cruz Inácio, colega e amigo, Professor da Universidade de São Paulo, o II Congresso Internacional Intersexualidades, que se realizou em setembro de 2018 e o primeiro a ser realizado fora do território do Porto.

O nosso propósito, após o encerramento do congresso, é organizar uma coletânea com todos os textos publicados em formato de livro que sairá este ano de 2019. Imediatamente tive o insight. Por que não entrevistar a Poetisa e a Pesquisadora que coordena o Grupo de Pesquisa Intersexualidades? O meu convite para entrevistá-la, que fora aceito de bom grado, foi pensado sobre qual forma se daria. Entre-palavras, para-além-mar, sugeri ser feito via e-mail, com perguntas por escrito, apesar de tão distantes e separados pelo Atlântico, mas próximos na intencionalidade de resgatar as memórias, testemunhos de uma Mulher que, certamente, dará, aqui, a racionalidade da intelectual e a sensibilidade da poetisa. Entre o pensar e o criar, entre a escritora e a professora, as palavras aradas serão ditas no momento muito irradiado por nebulosidades do tempo do agora, porém, sempre à espera de tempos célebres, esperançosos, a exemplo que do que faz a estética de Ana Luísa: recompor, repor, reconduzir, reluzir as fontes primárias para envolver as existências mais sóbrias, simples e possíveis de ser.

Autora reconhecida pelo talento e premiada em diversos países, tem sua obra traduzida em inúmeras línguas, com prestígio crítico acadêmico e editorial. Ana Luísa nasceu em Lisboa e vive desde a infância em Leça da Palmeira. É Professora Associada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e coordenadora do grupo de pesquisa Intersexualidades. Cumpriu o doutorado com a tese sobre a poesia de Emily Dickinson e atua nas seguintes linhas de investigação: Poéticas comparadas, Estudos feministas, Teoria queer.

Ana Luísa Amaral é autora de mais de três dezenas de livros, quer de poesia (como *Minha Senhora de Quê*, 1990, *Coisas de Partir*, 1993, *Às Vezes o Paraíso*, 1998, *Imagens*, 2000, *Imagias*, 2002, *A Gênese do Amor*, 2005, *Entre dois rios e outras noites*, 2007, *Inversos*, *Poesia 1990-2010*, 2010, ou *Vozes*, 2011), quer de teatro (*Próspero morreu*, 2011), quer infantis (como *Gaspar, o Dedo Diferente*, 1998, *A História da Aranha Leopoldina*, 2011, *A Tempestade*, 2012, ou *Como Tu*, 2013), quer de ficção *Ara* (Sextante, 2013). Traduziu diferentes poetas, como John Updike (*Ponto Último e Outros Poemas*, Civilização, 2009), ou Emily Dickinson (*Duzentos Poemas de Emily Dickinson*, postácio e notas, Relógio D'Água, 2014, William Shakespeare (*31 Sonetos de William Shakespeare*, Relógio D'Água, 2015).

Em torno dos seus livros de poesia, de teatro e infantis foram levados à cena espectáculos de teatro e leituras encenadas (como *O olhar diagonal das coisas*, *A história da Aranha Leopoldina*, *Próspero morreu* ou *Amor aos Pedagos*).

As suas obras mais recentes são *What's in a Name* (Assírio & Alvim, 2017), *31 Sonetos de William Shakespeare* (Relógio D'Água, 2015), ou *Arder a Palavra e Outros Incêndios* (Relógio D'Água, 2017). Os seus livros estão editados e traduzidos em vários países, como

Inglaterra, Espanha, Brasil, França, Suécia, Holanda, Venezuela, Itália, Colúmbia, México, Estados Unidos, e brevemente na Alemanha.

Os seus mais recentes livros no estrangeiro são *Ara* (Iluminuras, São Paulo, 2016), *Oscuro* (trad. Blanca Luz Pulido (Mexico, 2017), *The Art of Being a Tiger* (transl. Margaret Jull Costa / ed. and intr. Paulo de Medeiros), Inglaterra, Oxbow Press, 2016) ou *What's in a Name* (trad. Margaret Jull Costa), New York, New Directions, 2019.

Em 2019, sairá, pela Peter Lang, um livro de ensaios reunidos sobre a sua obra, com o título *Resistance and Beauty in Ana Luísa Amaral*.

Dirige atualmente um programa de rádio sobre poesia, na Antena 2, com Luís Caetano, intitulado *O som que os versos fazem ao abrir*.

Obteve diversas distinções, como a Medalha de Ouro da Câmara de Matosinhos e a Medalha de Ouro da Câmara do Porto, por serviços à Literatura, ou a Médaille de la Ville de Paris, e diversos prémios, entre os quais o Prémio Literário Correntes d'Escritas, o Premio di Poesia Giuseppe Acerbi, o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio António Gedeão, o Prémio Internazionale Fondazione Roma, Ritratti di Poesia, o Prémio PEN, de Ficção ou o Prémio de Ensaio da . Foi também por duas vezes finalista do Prémio Portugal Telecom e indicada ao Prémio Raina Sofía.

É ainda Professora Associada da Faculdade de Letras do Porto, membro da Direcção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, no âmbito do qual coordena o grupo Intersexualidades. Tem um doutoramento sobre Emily Dickinson. As suas áreas de pesquisa são os Estudos Feministas, os Estudos de Género, as Poéticas Comparadas e os Estudos Queer. Coordenadora de projectos internacionais financiados pela FCT, que resultou na edição anotada de *Novas Cartas Portuguesas* (Dom Quixote, 2010) ou *Novas Cartas Portuguesas 40 anos depois*,

que envolveu 10 equipas internacionais e cerca de 60 investigadores. É autora, com Ana Gabriela Macedo, do *Dicionário de Crítica Feminista* (Afrontamento, 2005) e organizou livros de ensaios como *Novas Cartas Portuguesas entre Portugal e o Mundo* (com Marinela Freitas, Dom Quixote, 2014) ou *New Portuguese Letters to the World* (with Marinela Freitas, Peter Lang, 2015). Tem também o livro de ensaios *Arder a Palavra e Outros Incêndios* (Relógio D'Água, 2017).

Destaco os seguintes livros:

Poesia:

- Minha Senhora de Quê*, Fora do Texto, 1990 (reed. Quetzal, 1999);
- Coisas de Partir*, Fora do Texto, 1993 (reed. Gótica, 2001);
- Epopeias*, Fora do Texto, 1994;
- E Muitos Os Caminhos*, Poetas de Letras, 1995;
- Às Vezes o Paraíso*, Quetzal, 1998 (reed. 2000);
- Imagens*, Campo das Letras, 2000;
- Imagias*, Gótica, 2002;
- A Arte de ser Tigre*, Gótica, 2003;
- A Génese do Amor*, Campo das Letras, 2005;
- Poesia Reunida (1990-2005)*, Quási, 2005;
- Entre Dois Rios e Outras Noites*, Campo das Letras, 2007;
- Se Fosse um Intervalo*, Dom Quixote, 2009;
- Inversos, Poesia 1990-2010*, Dom Quixote, 2010;
- Vozes*, Dom Quixote, 2011;
- Escuro*, Assírio & Alvim, 2014;
- E todavia*, Assírio & Alvim, 2015;
- What's in a Name*, Assírio & Alvim, 2017.

Teatro/Poesia:

Próspero Morreu, Caminho, 2011.

Ficção

Ara, Sextante, 2013.

Literatura infantil:

Gaspar, o Dedo Diferente e Outras Histórias, Campo das Letras, 1999;

A História da Aranha Leopoldina, Campo das Letras, 2000 (ed.

com áudio-livro, Civilização, 2010);

A Relíquia, a partir do romance de Eça de Queirós, Quasi, 2008;

Auto de Mafina Mendes, a partir da peça de Gil Vicente, Quasi, 2008;

Gaspar, o Dedo Diferente, ed. revista, Civilização, 2011;

A Tempestade, Quidnovi 2011;

Como Tu, Quidnovi, 2012;

Lenga-lenga de Lena, a Hiena, Lisboa, ZerroaOito, 2019.

Traduções:

Mar Meu/My Sea of Timor (poemas de Xanana Gusmão), co-trad.

Kristy Sword, Granito, 1998;

Eunice de Souza: Poemas Escolhidos, Cotovia, 2001;

Ponto Último e Outros Poemas (poesia de John Updike), Porto,

Civilização, 2009;

Emily Dickinson, Cem Poemas, com postácio e anexos, Lisboa,

Relógio D'Água, 2010;

Emily Dickinson, Duzentos Poemas, com prefácio e anexos,

Lisboa, Relógio D'Água, 2014;

O prego do sal, de Patricia Highsmith, Lisboa, Relógio D'Água, 2015;

31 Sonetos de Shakespeare, Lisboa, Relógio D'Água, 2016.

Ensaiaos:

Ardar a Palavra e Outros Incêndios, Lisboa, Relógio D'Água, 2017.

Prémios, distinções e nomeações (selecção)

2007 - Prémio Correntes d'Escritas/Casino da Póvoa (com o livro *A génese do amor*)

2008 - Prémio Giuseppe Acerbi, Mantua, Italia (com o livro *A génese do amor*)

2008 - Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores (com o livro *Entre Dois Rios e Outras Noites*)

2012 - Prémio de Poesia António Gedeão, 1ª edição (com o livro *Vozes*);

2014 - Prémio PEN de Narrativa, da Associação Portuguesa de Escritores (com o romance *Ara*)

2018 - Prémio de Obra da Fondazione Terzo Pillastro - *Ritratti di Poesia*

2000 - Medalha da Ville de Paris

2015 - Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Matosinhos, por serviços à literatura

2016 - Medalha de Ouro da Câmara Municipal do Porto, por serviços à literatura

Finalista do Prémio Portugal Telecom, com o livro *A génese do amor* (2009)

Finalista do Prémio Portugal Telecom, com o livro *Vozes* (2014)

Proposta para o Prémio Raina Sofía (pela Universidade do Porto, 2013 e 2015) e pelo Instituto Camões (2017)

Publicação de livros seus no estrangeiro :

Reino Unido

The Art of Being a Tiger : Poems by Ana Luísa Amaral, transl. Margaret Jull Costa, int. Paulo de Medeiros, Oxbow University Press, 2016.

Estados Unidos da América

The Art of Being a Tiger : Selected Poems, transl. Margaret Jull Costa, int. Anna Klobucka, Dartmouth : Tagus Press, 2018 ;

What's in a Name, transl. Margaret Jull Costa, New York, New Directions, 2019.

França

Images, trad. Catherine Dumas, Vallongues Éditions, 2000;

L'Art d'être tigre, trad. Catherine Dumas, Phare du Cousseix, 2015.

Itália

Poesie, Trad. Livia Apa, Poesie, XVª Edizione – Portogallo, Lisbona, Instituto Camões, 2008;

La Genesi dell'Amore, trad. Piero Ceccucci, *Fiorenza mia...!*, Fiorenza, Firenze University Press, 2009;

La Scala di Giacobbe: Poesia di Ana Luísa Amaral, trad. Livia Apa, Milão, Manni Editori, 2010;

Voce, ed. Kolibris, trad. Chiara Dilucca & Livia Apa, 2018;

What's in a Name, transl. Livia Apa, Milano, Crocetti Editore, 2018 (no prelo);

Brasil

A gênese do amor, Rio de Janeiro, Gryphus, 2008;

Vozes, ed. Iluminuras, São Paulo, 2013;

Escuro, ed. Iluminuras, São Paulo, 2015.

Ara, ed. Iluminuras, São Paulo, 2016;

Lenga-lenga de Lena, a Hiena, Oficina Raquel, Rio de Janeiro,

2018 (no prelo);

Ardor a Palavra e Outros Incêndios, Oficina Raquel, Rio de Janeiro, 2018 (no prelo).

Espanha

Oscuro, trad. e int. Luis Maria Marino, Olifante Ediciones, 2016.

Suécia

Mellan tva foder och andra natter, trad. Ulla Gabrielson,

Gotemburgo, Diadorim, 2009.

Holanda

Wachten op Odysseus: Gedichten 1990-2011, trad. Arie Pos, uitgeverij IJZER, 2011.

Venezuela

Ana Luisa Amaral, Antología Poética, trad. Nidia Hernandez, Caracas, Monte Ávila Editores, 2012.

Colômbia

Entre otras noches, Antología Poética, trad. Lauren Mendinueta, Rocca Ediciones, Bogotá, 2013;

Como Tu, Rocca Ediciones, Bogotá, 2014.

Mexico

Oscuro, transl. Blanca Luz Pulido, Minerva, UNANL, 2017.

Alemanha

Stimmen, trad. Susanne Munz, 2019 (em preparação).

ENTREVISTA

Paulo César García

Ao citar Maria Tereza Horta, quando trata a respeito da voz do poema numa visão explicitamente sexualizada de um anjo intersexo, revelando assim como os poetas expressam bem a dúvida face dos gêneros e a problemática das identidades sexuais impressas pela cultura, Maria Irene Ramalho questiona que é a linguagem poética o lugar da subversão e da subversão das identidades. Retratar sobre o queer em suas poesias é uma maneira de ilustrar o sujeito na subversão? Pode pensar a respeito?

Ana Luísa Amaral

Primeiro que tudo, muito obrigada por esta bellissima entrevista, Paulo. Espero saber responder a tudo...Vamos lá, então.

A poesia é transgressão, mas nem sempre é, em meu entender, subversão. Transgressão e subversão são diferentes processos. A subversão parte de uma versão subterrânea, que faz implodir o já conhecido. Tal como a transgressão, a subversão é um processo que revoluciona, mas de uma maneira não explícita. Este processo é praticado por, por exemplo, essa enorme poeta que foi Emily Dickinson ou a vossa, enorme também, Clarice Lispector.

A linguagem poética é o lugar privilegiado para a imaginação, para tornar real as possibilidades, como diz Emily Dickinson num maravilhoso poema em que se lê “Habito a possibilidade, / Uma casa mais bela do que a prosa”. É claro que, com prosa, Dickinson não queria falar exatamente da linguagem da ficção (e estou até a pensar em alguma ficção extremada em poesia, como como por exemplo a de Maria Velho Costa ou a de Marcel Proust). Aliás, se quisermos, também a poesia é ficção, a “ficção mais suprema”, como escreveu Wallace Stevens. Mas a prosa, para Dickinson (e para mim) significa a linguagem que se calcificou, ou a linguagem vazia, ou a linguagem banal. Portanto, sendo a língua da possibilidade, a poesia é o lugar onde é possível exercitar várias identidades.

No caso das identidades sexuais, eu diria que *queer* é o lugar de onde se pode pensar a subversão, porque, em vez de se falar de sexualidade outra (e de binarismos como homossexual/heterossexual) se fala em desmontagem de identidades. E se a poesia é o lugar onde as identidades melhor podem ser “des-binarizadas”, se nela eu posso falar com a voz que entender, do espaço que entender, fingindo até um tempo que entender, então, talvez a poesia seja, por excelência, *queer*...

PCG

Ainda dentro do ponto de vista de Maria Irene Ramalho, a noção que a crítica apresenta com o termo *aidagara*, dentro do conceito japonês de *ningen*, que significa “entre pessoa e pessoa”, o interesse pelo “espaço-de-entre-ser” em que aponta para a interrelacionalidade da existência humana, faz-me lembrar do livro de poesia “Como Tu” que, deslumbrantemente ilustrado, revela as pontes das diferenças entre pessoas, bichos, coisas, objetos, nomes, cores. A poesia que cria

Imprime os espaços-de-entre-seres com vistas a um entre-lugar do discurso e como se ocupa deles?

ALA

Eu não tento chegar a lado nenhum quando escrevo, aliás, não tento rigorosamente nada, ou seja, o que escrevo não tem por detrás nenhum programa, nenhuma cartilha. Escrevo simplesmente; escrevo porque preciso de escrever, porque não sei viver sem escrever, como não sou capaz de viver sem água ou sem comida, ou sem afectos. Mas, sendo eu mulher, cidadã, feminista, mãe, gay, estudiosa dos estudos feministas, dos estudos de género, LGBT, queer, enfim, dos estudos que se debruçam sobre questões relacionadas com o género, o sexo e as sexualidades, tudo o que escrevo tem de estar contaminado (no bom sentido da palavra) por aquilo que sou. Porque a literatura, neste caso a poesia, não esteve nunca divorciada do mundo. Há-de existir numa camada deslocada da pele, mas não descolada dela.

Gosto muito dessa questão sobre o “espaço-de-entre-ser”. Eu nasci em Lisboa e mudei-me para o Porto aos nove anos de idade. Talvez por isso eu seja alguém que sempre se sentiu entre dois rios, entre dois espaços, o Sul e o Norte (ou o calcário e o granito). E esses espaços formaram-me – pelas memórias, pelos desejos, pelas partilhas, pelos afectos. É, portanto, de relações que falamos. Talvez não seja por acaso que tenho um livro que se chama *Entre dois rios e outras noites*. A poesia tenta ligar o que não é, aparentemente ligável, ou seja, o tempo e o espaço, tenta expandir relações. Penso que a convivência de duas linhas na minha poesia, uma, mais coloquial, quotidiana, e outra, mais conceptual, nem sempre é pacífica. Porque essas linhas estão presentes na convivência dos sentidos de *estar perante* e *estar-entre*, ou no desejo de *ficar entre*.

Assim, viver entre dois rios e, não só muitas, mas *outras*, noites permitiria aceder a uma estranha espécie de perfeição, estado a poesia sempre aspirou. Mas seria uma veleidade pretender saber, ou poeticamente explicar, onde está, o que significa, esse estado que de poesia destas coisas. Do sofrimento e da alegria. Do que nos transfigura, do que nos une, e nos desune, enquanto humanos. Do mundo. Na dificuldade de tornarmos mais justo este mundo, exercitamos o possível. E a poesia é, como disse na resposta anterior, o espaço por excelência do exercício da possibilidade. Ao mesmo tempo, sendo o espaço da possibilidade, ela não pode nunca ser o espaço da totalidade, porque é humana. Como escrevo num poema, “se fosse tudo só êxtase súbito”, então, não haveria poesia, só “o papel intocável e intacto”.

PCG

Cito em “Bifronte condição”, do livro *What’s in a name*, alguns versos:

[...] as palavras encurtam o dizer

O luxo de estar quente: um luxo absurdo, mas luxo verdadeiro ao lado do janeiro: o mês bifronte, feito de duas faces, como nós, desatentos, fingidos, incultos habitantes deste planeta que,

visto de uma outro lado, se ele houver, por outros olhos, se eles existirem, há-de parecer assim: bifronte: de um lado, a mansidão de amar e proteger, na outra face, a outra condição de olhar sem ver, por isso sem indulto, nem cósmica razão que nos redima (AMARAL, 2017, p. 69-70)

A poesia parece apontar para a polarização acentuada em ações protagonizadas nos tempos atuais: a condição de amar e proteger e a condição de olhar sem ver. Em outros poemas, *What's in a name* encena o gesto de si e também o de gravitar palavras entre o ser e o estar, mostrando a leveza e a dureza da realidade. Estaria a enunciar aí um imperativo cultural no qual as palavras e as coisas são desarmadas, incitadas a pensar o ser e o outro em busca sempre da liberdade de criação, de poder dizer também por intermédio de interditos? Estaria presente o gesto de *diferenciação* no qual nutre as palavras enquanto um ato político?

ALA

Gostaria de começar por dizer que é gravíssimo quando as áreas das humanidades (as que lidam mais directamente com a matéria cultural e cívica) são tão fragilizadas; quando a Filosofia, as Belas-Artes ou as Literaturas são consideradas inferiores quando comparadas às Engenharias ou à Gestão. É gravíssimo, porque se esquece o *valor real* que o ser humano representa, tal como se negligencia a importância de investir na capacidade humana de encantamento, de relação com a beleza, de produção de pensamento e inquirição, de solidariedade e bondade — palavras que se encontram alheadas do discurso político e que mereciam ser para ele trazidas novamente, na convicção mesma da etimologia da palavra “política” (de *polis*, cidade). As matérias humanas consideradas superfúas, como o pensar ou o sonhar, podem ser, como a política, o espaço da comunhão e da comunicação reais.

Essa “bifronte condição” é nossa, humana, a de sermos em simultâneo capazes dos mais extraordinários e ordinários gestos de solidariedade e dos mais terríveis actos de crueldade. Aquilo que defendo com todas as minhas forças é que essa condição de “olhar sem ver” pode ser combatida; aquilo que denuncio, também com todas as

minhas forças, é que o sistema patriarcal em que vivemos (machista, sexista, classista, xenófobo, homofóbico, transfóbico...) incita a esta mesma condição. A violência produz violência; o ódio produz ódio. E o ódio pode matar. Tal como a indiferença — e a ignorância induzida. Combater a ignorância é combater a indiferença e a banalização do pensamento, e lutar pela diferenciação e pela pluralidade.

PCCG

As implicações estéticas e ideológicas são tomadas para falar da questão da mulher, dos géneros e das sexualidades em *Ara*, *Vozes*, e em *Como Tu*. *A escrita não vive sem a leitura*, como Tu bem enaltece. Qual o sentido de estranhamento do fazer literatura e o de religar a materialidade do verbal com as expressões de subjetividades em tempos coléricos, em tempos de violência à mulher e a todas as pessoas que divergem das normas de viver e das diversidades de géneros?

ALA

Produzir linguagem implica constituir um mundo de sentido. Por isso, como disse Toni Morrison, na sua bela intervenção aquando da atribuição do Prémio Nobel em Literatura, em 1993, “a linguagem opressora faz mais do que representar a violência; ela é violência. Faz mais do que representar os limites do saber; ela limita o saber. Quer seja a obscura linguagem usada pelos governos ou a falsa linguagem de alguns meios de comunicação; quer seja a linguagem arrogante e calcificada da academia ou a linguagem obcecada com o empreendedorismo de alguma ciência; quer seja a linguagem da lei-sem-ética, ou a linguagem pensada para a alienação das minorias, que esconde o seu viés discriminatório por detrás do literário — essa linguagem deve ser rejeitada, alterada, denunciada”.

Então, os gestos que fazemos, as palavras que dizemos – têm consequências. Quando se dá a falha radical do pensamento, a perda, pelo esquecimento induzido ou por nós involuntamente aceite, da capacidade humana da escolha da liberdade – dá-se de facto a fuga da responsabilidade. A mediocridade deve-se não tanto à falta de imaginação quanto à falta de fé na imaginação, à perda da capacidade para duvidarmos e nos interrogarmos. Acredito que um dos caminhos para combater o estado actual das coisas é recusar habitar e praticar os guilhões que nos foram impostos e que nós próprios fomos interiorizando. E não esquecer, sobretudo isso: recordar até onde nos for possível.

PCG

Que dirá, neste exato momento, o meu rosto? (Ou o rosto de quem escreve?). Uma certeza que me faz tremer, e tantas vezes: a quem pertence o mundo? Ou é de ninguém o mundo a narrar? E o outro, a quem pertence? De quê, será talvez exata a mais pergunta? Para que pertencer? (AMARAL, 2016, p. 63).

Este trecho do romance *Ará* poderia pensar a imagem da mulher em *rasura*, tal como é elucidada por Derrida, e também pode ser estendida à Mulher-Poeta. Como se permite construir uma identidade autoral feminina para o *cast* da literatura portuguesa e do mundo ocidental de hoje?

ALA

Falando em *rasura*, e antes de responder à questão sobre a “identidade autoral feminina”, queria pensar em identidade ligada ao sujeito mulher, ou seja, na mulher enquanto sujeito empírico. Dou um exemplo. Organizei com Marinela Freitas uma antologia de poesia

intitulada *Do corpo, outras habitações: Identidades e desejos outros em alguma poesia portuguesa*. (Assírio & Alvim, 2018). Essa antologia pretende preencher um vazio no que respeita a poetas discriminadas devido ao género ou à sexualidade. É, tanto quanto sei, a única antologia cujo número de homens e de mulheres existe em equilíbrio, contrariamente ao que acontece com as antologias de poesia, em que o desequilíbrio é gritante. Sublinho que os nomes que estão na nossa antologia são, a meu ver, muito bons, o que acontece é que são sistematicamente esquecidos ou arredados do chamado “cânone”.

Se cruzar agora sujeito empírico e sujeito lírico, quero dizer que tinha toda a razão Maria Isabel Barreno (uma das autoras de *Novas Cartas Portuguesas*) ao escrever esse espantoso livro chamado *O falso neutro* (1989). É que os poemas, a não ser quando deliberadamente camuflam a identidade sexual, têm *assinatura*, não são produto de um ser (impossivelmente) “neutro”. Nesse sentido, e como digo em mais de um ensaio, eles estabelecem um contrato com quem, de uma outra forma, os re-produz. Ora desse contrato de leitura entre texto e leitor consta a consciência, neste último, do sexo de quem assinou o texto, sobretudo se quem o fez era mulher.

Portanto, sim, infelizmente, construir uma identidade autoral feminina é difícil, visto sujeito-mulher e sujeito feminino de discurso se fundirem – e o sujeito-mulher continuar a ser alvo de discriminação e violência.

Esse trecho que o Paulo cita do meu romance pertence à fala de uma mulher dirigida a uma outra mulher. “A quem pertence o mundo?”: esta pergunta denuncia não só o conluio entre sexualidade dominante (heterossexualidade) e poder político e social, conluio esse que fragiliza e discrimina os sujeitos homossexuais, mas, em contexto,

põe também e sobretudo em causa o conluio entre sexo dominante (o masculino), sexualidade dominante (heterossexualidade) e poder político e social. Assim, se as pessoas homossexuais são discriminadas, são-no mais ainda se forem mulheres.

Acrescentaria que nesse capítulo do meu livro se pode ler também:

Vergonha: a fome nas crianças, a fome desenhada, omnipresente. Crianças que nem pão, ou gesto, ou um olhar qualquer. Vergonha de haver fome. De olhar fome. Vergonha: só o ver como estas coisas. A violência de ver, sem mãos para mudar. Essa a vergonha.

Vergonha: amor ausente e lacerado, obrigações de carne, obrigações do resto. Vergonha, esse choac de carne contra carne, em moderna invenção – que nem de carne é feita, mas de fórmula exacta.

Vergonha: destruir e conquistar sobre terreno alheio. Vergonha é o silêncio, a sério de vazia. A quem pertence o mundo? Vergonha é não te amar. Vergonha era fingir que não pertença.

É isso, Paulo: vergonha é a fome que vemos, os refugiados, as guerras, a violência, a mentira, a hipocrisia. Vergonha não é nunca amar; vergonha é não amar.

PCCG

No Brasil, estamos vivenciando tempos difíceis, após eleito e tomado posse um governo que infringe os direitos humanos e a causar repúdio em atos relacionados à diferença sexual e de gênero. A impressão é que o mundo ocidental está sendo assediado por uma turbulência ultradireitista e neoconservadora, com influências dos aportes estadunidenses ligadas à xenofobia e a um patriotismo ultranacionalista. A matriz heteronormativa toma ainda mais

lugar diante dos referidos percalços, deixando de lado a história, a experiência e testemunhos que prefiguram uma relação dialógica e diatópica com um saber transversal de “fronteira”, como reflete bem Boaventura de Sousa Santos. A vida e a arte desconstruem o óbvio, é condição *sine qua non* para ler/ver o outro com a mediação de um novo senso crítico? Como a crítica cultural em Portugal e na Europa tem se pronunciado frente aos regimes neoneoliberais e têm frutificado um eterno retorno do mesmo, pairando “guerras” binárias?

ALA

O progresso e o bem-estar de um povo vê-se pela sua educação e pela sua cultura, não tenho quaisquer dúvidas. Essas duas áreas, sendo para mim das mais relevantes são também das mais frágeis (ao lado de outras, como as das da saúde, ou as das reformas), as mais brandamente desmanteláveis. É mais fácil cortar escolas, fazer ruir iniciativas culturais ou penalizar reformados do que taxar o grande capital. O mundo é um sítio frágil e vulnerável, um lugar imperfeito, sabemo-lo todos. E ainda bem que o é. Porque significa que é humano. Mas a fragilidade e a vulnerabilidade devem ser sinónimos de lugar de construção de força, lugar de somatório de esforços conjuntos, não de vulnerabilidade social e de desigualdades gritantes.

O que está a acontecer no Brasil é um atentado aos direitos humanos – e à decência. Quando ensino Estudos Feministas, costumo dizer que feminismo se resume a uma expressão: “direitos humanos”. Por aí, pelo mais básico, mas mais intrínseco à nossa humana condição, sempre comecei, para depois dizer que ser feminista não era ser contra os homens mas contra um sistema patriarcal que, ao impor às mulheres um guião de comportamentos e papéis que as oprime

e discrimina, impõe aos homens também aos homens um guião de procedimentos e condutas, de clichês que lhes coarta o que é comum a todos: a expressão das emoções. A condição do que é precário de que falo acima, ou seja, a precariedade do corpo, é condição comum, mas pode induzir, como tão bem demonstrou Judith Butler (na distinção que propõe, em *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence* (2004), entre “precarity” e “precariousness”) a dois caminhos: à desumanização de @outr@, ou à comunicação com el@ e à partilha dos afectos.

Acredito que os estudos feministas, enquanto disciplina transversal que permite pensar a literatura, a história, a sociologia, a linguística, mas também as ciências, nos alargam os horizontes e nos fazem melhores seres humanos. Que, tal como a poesia, eles podem ameaçar os poderes vigentes, como bem sabiam as autoras do livro extraordinário *Novas Cartas Portuguesas*, escrito em 1972 e ainda tão actual, cada vez mais actual. Basta pensarmos em excertos como “Quando o burguês se revolta contra o rei, ou quando o colonoso se revolta contra o império, é apenas um chefe ou um governo que eles atacam, tudo o resto fica intacto, os seus negócios, as suas propriedades, as suas famílias, os seus lugares entre amigos e conhecidos, os seus prazeres. Se a mulher se revolta contra o homem nada fica intacto; para a mulher, o chefe, a política, o negócio, a propriedade, o lugar, o prazer (bem viciado), só existem através do homem”.

Assim se explica o ódio ao feminismo, o ódio ao diferente, ou, por exemplo, a necessidade de a direita brasileira falar de uma expressão que ela própria inventou, “ideologia de género”, essa que, supostamente, “torna gay os meninos e faz feministas as meninas”. O ódio dirige-se a tudo aquilo que desafia a separação entre o público e o

privado, a tudo aquilo que se não conforma nem com um pensamento binário nem com um certo modelo – de família, de sexualidade, de amor. O ódio é dirigido a tudo o que desafia um pensamento vertical e hierárquico.

Em 2006, na altura do *Queeruption*, um festival internacional *queer*, de carácter alternativo, perguntaram a Judith Butler qual era a sua posição sobre a oportunidade de celebração em Israel, Tel-Aviv, face a questões prementes como a luta pela libertação da Palestina. “Até que ponto é esse acontecimento importante, quando vidas de civis são ceifadas e a violência exercida sobre todo um povo?”, pergunta-lhe o entrevistador, querendo, no fundo, que ela se pronuncie sobre a precedência da questão abertamente política e de direitos humanitários relativamente a uma questão que, aparentemente, dirá sobretudo respeito a sexualidades e a opções individuais. A resposta de Judith Butler foi clara: tudo tem a ver com violência, por isso é impossível estabelecer prioridades, nem hierarquizar violências.

Essa hierarquização aconteceu ao longo do século XX com a situação das mulheres nos jovens países após as descolonizações: o que interessava então era construir uma nação, por isso falar de feminismo ou de emancipação das mulheres era extemporâneo, só complicava... Como se fosse possível construir de facto uma nação quando metade dos seres humanos que a deviam constituir continuavam a ser alvo de discriminação...

PCG

Como nasceu o Grupo de Pesquisa Intersexualidades e qual a sua importância, quando se reflete o sentido de intersexualidade na área de Letras e Literatura?

ALA

Vou começar pelo princípio, por um seminário do curso de mestrado em Literatura e Cultura Comparadas, que eu leccionei na Faculdade de Letras do Porto. O seminário intitulava-se “Dos Estudos Feministas à Teoria *Queer*” e nele *Novas Cartas Portuguesas* era o livro utilizado como texto aglutinador da matéria discutida, já que o seu estudo intensivo revelava um documento complexo e múltiplo que se abre a diversas camadas de leitura e interpretação (informado que é pelo explícito diálogo com *Cartas Portuguesas*), passível de gerar novos entendimentos entre a literatura e o mundo. O que então se pretendia era mostrar como o livro se provava valiosíssimo para praticar várias teorias relacionadas com áreas de conhecimento desenvolvidas sobretudo em França e no universo anglo-americano nos últimos quarenta anos, e ainda emergentes na academia portuguesa – os Estudos Feministas, os Estudos de Género e a teoria *queer*.

Foi assim que teve início o que se tornaria depois um projecto, de âmbito nacional, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que eu coordenei também, com o título *Novas Cartas Portuguesas Três Décadas Depois*, cujo objectivo fundamental era o de contribuir para a divulgação de *Novas Cartas Portuguesas* em Portugal, nos países lusófonos e naqueles onde a língua portuguesa é ensinada. Para isso afigurou-se como necessária a elaboração de uma edição anotada da obra que resgatasse o Pré-Prefácio e o Prefácio, escritos por Maria de Lurdes Pintasilgo e publicados originalmente em 1980, pela Moraes Editores, assim disponibilizando a estudantes e ao público em geral uma edição do livro que seguisse, limpa de gralhas e erros, o texto original da primeira edição, a de 1972, dos Estudos Cor, e que apresentasse um aparato crítico em forma de notas de rodapé, esclarecendo alusões, citações e diálogos intertextuais com a literatura

e cultura portuguesas e as de outros países. Assim surgiria a edição anotada de *Novas Cartas Portuguesas* (Dom Quixote, 2010).

Após essa publicação e o término desse pequeno projecto, surgiu a ideia de continuar o trabalho em torno de *Novas Cartas*, mas desta vez criando uma equipa internacional. Esse segundo projecto, muito bem financiado pela FCT, chamou-se

Novas Cartas Portuguesas Quarenta Anos Depois. Essa equipa internacional estudou o impacto de *Novas Cartas Portuguesas* em países tão diversos como o Brasil, os Estados Unidos, o Reino Unido, a França, a Alemanha, a Espanha, a Suécia, a Itália, a Holanda, a Irlanda, ou os países africanos de expressão portuguesa. Dessa equipa e do seu trabalho de resgate da obra, do seu contexto e das leituras que em torno dela foram feitas, criou-se o site www.novascartasnovas.com e publicaram-se 2 livros, com os resultados da pesquisa: *Novas Cartas Portuguesas entre Portugal e o Mundo* (orgs. Ana Luísa Amaral e Marinela Freitas, Dom Quixote, 2014) e *New Portuguese Letters to the World* (eds. Ana Luísa Amaral e Marinela Freitas, Peter Lang, 2015)

Estes dois projectos provaram como trabalhar em conjunto, em rede, enriquece as áreas quer da literatura quer do desenvolvimento social. E cria redes. Foi tão extraordinário que, quando o projeto terminou, na última reunião em Évora em que cantámos a canção “Grândola”, de José Afonso, as pessoas da equipa perguntaram “E para quando novo projecto, Ana Luísa?”. Daí surge esta nova equipa *Intersexualidades*, que integra praticamente todas as pessoas que constituíam a equipa do projecto das *Novas Cartas*, e muitas mais que depois se juntaram, entre elas, o Paulo!

Intersexualidades expande as problemáticas centrais aos feminismos (ligadas, pois, ao sexo e ao género) para incluir agora problemáticas ligadas às sexualidades. Temos uma equipa internacional

com 60 pessoas a trabalharem em 3 linhas: uma que tem a ver sobretudo com estudos feministas e estudos de género; outra que tem a ver com a teoria *queer* e suas ramificações; e a terceira que se preocupa sobretudo com questões relacionadas com as sexualidades. Eu acho que é verdadeiramente maravilhoso, porque se têm vindo a criar novos diálogos e redes de solidariedade científica e humana, e porque de alguma maneira se desmonta aquela ideia de que quem trabalha em género não trabalha em estudos LGBT ou vice-versa, ou de que a teoria *queer* é uma ameaça para as políticas de identidade. Acho mesmo que a nossa equipa tenta pôr em acção o conceito de “coligação alargada”, em termos teóricos e políticos, de que fala Butler e que é prefigurada pela teoria *queer*.

PCG

Qual a perspectiva do grupo e como atua frente às diversas pesquisas atuantes?

ALA

Assistimos hoje, no mundo ocidental, ao desmoronamento dos direitos sociais, a novas formas de exercício de violência social e económica e de coerção de liberdades, assim como a regras novas no jogo democrático – quando não ao seu apagamento. Simultaneamente, e no que às políticas sexuais diz respeito, novas configurações de organização social e de afectividades têm vindo a emergir, surgidas de um tipo de pensamento emancipatório grandemente devedor dos feminismos e dos movimentos sociais dos anos 1960. O nosso grupo tenta dar conta destas várias inflexões teóricas e sociais, sempre a partir de uma perspectiva literária, e, nunca perdendo os interesses mais particulares, exercitando sempre redes.

Veja, por exemplo: as nossas colegas Chatarina Edfeldt, da Suécia,

Livia Apa, de Itália, ou Simone Schmidt, do Brasil, não trabalham tanto com teoria *queer*, mas trabalham todas com estudos feministas e estudos de género, cruzando-os com as teorias que emergiram dos estudos pós-coloniais, como o feminismo decolonial. Temos colegas mais interessados nas identidades sexuais na literatura, como você, Paulo, ou Emerson Inácio, também do Brasil; temos Marinela Freitas, de Portugal, interessada nos cruzamentos entre a poesia, os estudos sobre o pós-humano e a teoria *queer*; ou Catherine Dumas, de França, cuja investigação não se debruça sobre o pós-humano, mas partilha os interesses de Marinela, no que à poesia e teoria *queer* diz respeito – enfim, temos na nossa equipa interesses vários, mas todos ligando género, sexo e sexualidades com a literatura e o activismo social.

Acho que sobretudo tentamos desenvolver um tipo de pensamento horizontal – rizomático, se quiser. E somos, porque nos fomos tornando também, *amig@s*, o que, em minha opinião, é fundamental. O que quero dizer é que aos interesses científicos comuns e simultaneamente diversos e ao empenho na investigação se somam o respeito e os afectos.

PCG

O II Congresso Internacional Intersexualidades realizado no Brasil obteve números impressionantes de trabalhos apresentados em linhas de investigação do evento e com presenças de pensadores brasileiros/as e portugueses/as, além de demais nacionalidades de peso. O tema *Intersexualidades / Interseccionalidades: Saberes e Sentidos do Corpo* mostrou questionamentos sintomáticos com a nossa realidade que se compraz com o tensionamento de pessoas que se identificam e não se identificam com o seu corpo, sexo, géneros, raças,

etnias, religiosidades, de modo a gerar conflitos dentro da sociedade passivamente retrógrada e a disseminar atos de violências lesbofóbicas, homofóbicas, transfóbicas. A identidade como potencialidade fixa constitui as múltiplas encenações do machismo e da hegemônica heterossexualidade compulsória. Queria que falasse a respeito e com ênfase em obras da literatura portuguesa e demais nações.

ALA

Não sei se sou capaz de responder, porque essa é uma pergunta de vastíssima resposta.

Antes de mais, quero dar-lhe, Paulo, os maiores parabéns pela organização, com Emerson Inácio, do II Congresso Internacional Intersexualidades, que revê lugar na Bahia, em Setembro passado. Foi um encontro de altíssimo nível científico e maravilhoso, do ponto de vista humano.

Em relação ao que me pergunta, eu queria recordar que o período compreendido entre o final dos anos 60 e o final dos anos 80 assistiu, como sabemos, a uma complexidade de mutações sociais e ao aparecimento (com carácter transnacional) dos movimentos sociais de contestação a que Portugal será quase alheio: as lutas pelos direitos cívicos (pelo fim da segregação racial, no caso estadounidense, ou pelo acelerar dos processos de descolonização, no caso europeu), os movimentos estudantis, as preocupações ecossistémicas, a luta pela emancipação das mulheres, a reivindicação, por parte dos movimentos *gay* e lésbicos, da expressão de sentidos e de um lugar próprios, relevando vozes, até então silenciadas, que retravam os grupos minoritários do lugar de subalteridade e invisibilidade que até então lhe havia sido atribuído. Isto não aconteceu em Portugal, um país dominado por uma ditadura fechada, como todas as ditaduras, mas quicá ainda mais retrógrada, na

sua ligação com forças religiosas e uma moral estreita e de aparências. Portugal era um país cinzento, era o país da "vírgula maníaca", do "modo funcionário de viver", como escreveu Alexandre O'Neill, em "Um adeus português".

O 25 de Abril de 1974 representou o início do processo de descolonização, a consequente perda do império físico e falência da ideia de império. Porém, foi também violento ponto de fractura, de onde emergiu um país que, mesmo décadas depois, resista a confrontar-se com os seus próprios fantasmas e pesadelos reais. Que ainda hoje, na famosa formulação de José Gil, resiste a *inscrever-se*, nessa imagem que de si construiu como a de um povo cujos costumes são brandos, ou pelo menos mais brandos do que os dos outros povos. Mas que, ao mesmo tempo, igualmente escamoteou o sofrimento de quem foi e se sentiu exiliad@ no seu próprio país, nas suas próprias comunidades de família ou amigos, e, por consequência dentro de si.

No momento actual, Portugal tem uma constituição bastante boa, no que aos direitos de cidadania, sociais e sexuais incluídos, diz respeito. É abissal a diferença a que assistimos nos últimos 30 anos. Em 1990, ou por aí, recordo-me de ver na televisão portuguesa um documentário sobre a homossexualidade e de as pessoas entrevistadas usarem máscaras brancas (à exceção de Dina, uma cantora) e terem as vozes disfarçadas. Foi o primeiro programa sobre homossexualidade e foi algo muito impressionante.

Nada disso se passa hoje em dia, mas os hábitos, os costumes, alimentados pelo sistema patriarcal, opressor e discriminatório, continuam a fazer-se sentir. São as anedotas que ainda se contam, os pequenos gestos que ainda se fazem, os medos que ainda subsistem. Se falar de mim e do que escrevo, lembro-me que só em 2010, no meu livro *Vozes*, incluí um poema com o mesmo título em que o "tu" é feminino. E

lembro-me bem de como foi, para mim, político esse gesto. Esse poema diz assim:

Eterno é este instante, o dia claro,
as cores das casas desenhadas em aguada rasa,
castanhos e vermelhos quase em declive,
as janelas limpíssimas, de vidros muito honestos.
Este instante que foi e já não é, mal pousei a caneta
no papel: eterno

Sonhei contigo, acordei a pensar
que ainda eras, como é esta janela,
como o corpo obedece a este vento quente, e é ágil,
mas tudo: tão confuso como são os sonhos

Agora, neste instante, recorro a sensação
de estares, o toque.

Não distingo os contornos do meu sonho, não sei
se era uma casa, ou um pedaço de ar.

A memória limpíssima é de ti
e cobriu tudo, e trouxe azul e sol a esta praça
onde me sento, organizada a quadro,
como as casas

E agora, o teu andar
acabou de passar mesmo ao meu lado, igual,
e agora multiplica-se nas mesas e cadeiras
que cobrem rua e praça,
e eu vejo-te no vidro à minha frente,
mais real que este instante, e se Bruegel te visse,
pintava-te, exactíssima e aqui.
E serias: mais perto de um eterno

(Eu, que nada mais sei, só o fulgor do breve,
eu dava-te palavras —)

Esse desnudar-me psicoactivamente na minha escrita passou depois para o meu romance *Ara*, já de 2013. Antes disso, antes de 2010, não fui capaz...

PCG

Retomo a sua poesia que a todo momento é cerzida com o corpo, entre hesitações, descobertas, fissuras, complexos silêncios, potências de sujeitos que acionam vozes, agenciamentos de outros modos de existir entre afetos, desejos, medos, sonhos que se interligam no atestado profundo de desassossego consigo própria: mulher, poetisa, professora, crítica literária. Por onde a sua poesia afeta, afeta gentes, motiva leituras e protagoniza aberturas para devires formas de se subjertivar?

ALA

Espero muito que sim, espero muito que a minha poesia possa “afectar” nos dois sentidos: criar alguma ínfima mudança e ser motor de afectos.

PCG

Qual a função da literatura em tempos atuais, quando existem outras fontes discursivas, a exemplo de redes digitais e sociais que entram em entaves e concorrências com os romances? a poesia, o teatro? Acredita em novas linguagens adentrando o espaço literário?

ALA

A literatura neste século tem-se vindo a cruzar com outras artes, mais concretamente a fotografia ou o cinema.

Hoje, mais do que nunca, graças aos (ou por causa dos) avanços digitais. Acredito, pois, em novas linguagens. Sempre a poesia o fez com a pintura, por exemplo — estou a pensar em Jorge de Sena, e no seu “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya” e depois no meu

poema “Um pouco só de Goya; Carta a minha filha”. E tenho um livro de poesia, que será publicado no final deste ano, em que os poemas dialogam com quadros – para subverter as histórias ali contadas. E isto é a mais básica relação efrástica.

No caso das redes digitais e da questão da concorrência, sinceramente não me preocupa. Eu não escrevo para ganhar dinheiro; de resto, jamais ganharia dinheiro com a poesia, não conheço poeta nenhum@ que o faça. *Concorrência* nesse sentido não me preocupa nada. Depois, eu acho que as redes digitais e sociais ampliam a divulgação da poesia, de alguma forma parecem tê-la “democratizado” no que ao mundo ocidental diz respeito. Falo sempre do mundo ocidental – não esqueçamos que mais de metade da população mundial não tem acesso à Internet ou a computadores.

PCG

O que pode a literatura de Ana Luísa Amaral enquanto tradução da cultura, travessias de direitos, fonte de saber e gesto ousado de pensar o humano?

ALA

Isso eu não sei, deixo a resposta a quem lê... Acredito que a literatura nos pode fazer melhores pessoas, por isso gostaria de pensar que a minha poesia poderia ter contribuído para um mundo melhor. É um desejo que tenho...

Escrever é a minha forma de resistência a vários níveis, e a questão da normatividade dos afectos, de como as famílias se organizam, de como a vida amorosa e social pode ter uma nova organização, tudo isso faz parte da vida e, de alguma maneira, acaba por passar para a literatura. A poesia vive sempre num ambiente poroso.

Toda a violência (o exercício de todos os tipos de violência), porque se baseia na exclusão da interacção e da cooperação com os outros, destrói o crescimento do indivíduo e, portanto, de um povo. Penso na frase de Hannah Arendt: “Vivermos juntos no mundo significa essencialmente que há um mundo de coisas entre aqueles que o têm em comum, tal como uma mesa está colocada entre os que se sentam à sua volta”. Dependendo de como for usada, uma mesa pode ou dividir, ou aproximar. O que nos estão agora a fazer é a distribuir lugares de um vergonhoso privilégio a alguns e de feroz desprotecção a muitos; essa mesa está a ser, pois, utilizada como arma de guerra – uma trincheira. É preciso mostrar aos governantes que ela pode ser um lugar de partilha do presente e do futuro.

Volto àquela resposta de Butler sobre o *Queeruption* e penso que não posso separar as coisas nem hierarquizar violências. E continuo a achar que haverá sempre redutos de solidariedade, de amor e de beleza. Porque realmente está tudo ligado. E tudo deixa a sua impressão que se funde e é passada a outro corpo, seja ele humano, animal, vegetal ou cósmico. Tudo o que existe neste nosso planeta azul é feito de pó de estrelas – nós também o somos. Como eu digo num poema, “O astrálogo”, do meu último livro, “A impressão digital de uma estrela / é mais que um fio de luz: / fala de um cálcio igual / ao que irá preservar a memória do astrálogo, / esse pequeno osso com nome de universo, / vizinho ao calcanhar”. Ou num outro, com que termino, e que se chama “Matar é fácil”:

Assassine! (tão fácil) com a unha
um pequeno mosquito
que aterrou sem licença e sem brevet
na folha de papel

Era em tom invisível,
asa sem consistência de visão
e fez, morto na folha, um rasto
em quase nada

Mas era um rasto
em resto de magia, pretexto
de poema, e ardendo a sua linfa
por um tempo menor
que o meu tempo de vida,
não deixava de ser
um tempo vivo

Abatido sem lança, nem punhal,
nem substância mortal
(um digno cianeto ou estricnina),
morreu, vítima de unha,
e regressou ao pó:
uma curta farinha triturada

Mas há-de sustentar,
tal como os seus parentes,
qualquer coisa concreta,
será, daqui a menos de anos cem,
de uma substância igual

à que alimenta tibia de poeta,
o rosto que se amou,
a pasta do papel onde aqui estou,
o mais mínimo ponto imperturbável
de cauda de cometa —

161

GARCIA, Paulo César, INÁCIO, Emerson (org.)

Intersexualidades/Interseccionalidades: saberes e sentidos do corpo / GARCIA, Paulo César, INÁCIO, Emerson (org.) - 1. ed. Uberlândia (MG): O sexo da palavra, 2019.

440 p.

ISBN: 978-85-93892-22-6

1. Intersexualidades. 2. Interseccionalidades. 3. Interdisciplinaridades. 4. Literatura comparada.

CDD: 8869

CDU: 82.09

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Direitos cedidos pelos autores à editora O Sexo da Palavra.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Gratificamos a atualização segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

CONSELHO EDITORIAL

- Alex Fabiano Jardim
- Ana Maria Colling
- André Luiz Mitidieri
- Andréa Sirihal Werckema
- Ciriba Camargo Vianna
- Claudia Maia
- Cleudemar Fernandes
- Davi Pinho
- Djalma Thurler
- Eliane Robert de Moraes
- Emilia Maria de Souza
- Fátima Teixeira
- Fátima Pereira Camargo
- Joana Mulyvaert
- Karla Cipreste
- Larissa Pelucio
- Leandro Colling

CURADORIA

- Fábio Figueiredo Camargo
- Leonardo Francisco Soares
- Van Marcos Ribeiro



O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais
 Av. César Figueira, 566/202 | Jd. Pinotti
 CEP: 38.408-138 | Uberlândia - MG
 Tel: (34) 3084-3592
 CNPJ: 27.659.940/0001-18
 Printed in Brazil / Impresso no Brasil

www.osexodapalavra.com

II CONGRESSO INTERNACIONAL Intersexualidades | Interseccionalidades: Saberes e Sentidos do Corpo

REALIZAÇÃO



COMISSÃO ORGANIZADORA / EXECUTIVA INTERSEXUALIDADES 2018
 Prof. Dr. Paulo César Garcia (Universidade do Estado da Bahia / UNEB)
 Prof. Dr. Emerson Inácio (Universidade de São Paulo / USP)

COORDENAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA INTERSEXUALIDADES
 Profa. Dra. Ana Luisa Amaral (Universidade do Porto)
 VICE-COORDENAÇÃO
 Doutora Marinela Freitas (Universidade do Porto)

COMITÊ CIENTÍFICO

- Alexandra Moreira da Silva (Universidade Sorbonne Nouvelle / Paris 3)
- Anselmo Perez Aíds (Universidade Federal de Santa Maria / UFSM)
- Ana Luisa Amaral (Universidade do Porto)
- Anna Kobiucka (Universidade de Massachusetts Dartmouth)
- André Mitidieri (Universidade Estadual de Santa Cruz / UESC)
- Carla Patricia Santana (Universidade do Estado da Bahia / UNEB)
- Djalma Thurler (Universidade Federal da Bahia / UFBA)
- Emanuelle Santos (Universidade de Birmingham)
- Fábio Figueiredo Camargo (Universidade Federal de Uberlândia / UFU)
- Flávio Camargo (Universidade Federal de Goiás / UFG)
- Hélder Thiago Maia (Universidade Federal Fluminense / UFF)
- Horácio Costa (Universidade de São Paulo / USP)
- Inocência Mata - (Universidade de Lisboa)
- Jailma Pedreira Moreira (Universidade do Estado da Bahia / UNEB)
- Jorge Vicente Valentim (Universidade Federal de São Carlos / UFSCar)
- José Carlos Félix (Universidade do Estado da Bahia / UNEB)
- Luma Andrade (Universidade da Integração Internacional Luso-Afro-Brasileira / UNILAB)
- Maria Anória de Jesus Oliveira (Universidade do Estado da Bahia / UNEB)
- Mário César Lugarinho (Universidade de São Paulo / USP)
- Marcos Lima (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia / UESB)
- Mark Sabine (Universidade de Nottingham)
- Marinela Freitas (Universidade do Porto)
- Martiniliano Torres (Faculdade de Formação de Professores / Universidade do Rio de Janeiro / UFRJ)
- Nancy Rita Vieira (Universidade Federal da Bahia / UFBA)
- Renata Pimentel (Universidade Federal Rural de Pernambuco / UFRPE)
- Roberto Henrique Seidel (Universidade do Estado da Bahia / UNEB)
- Simone Caputo Gomes (Universidade de São Paulo / USP)
- Simone Schmidt (Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC)
- Tânia Ramos (Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC)
- Tatiana Pequeno (Universidade Federal Fluminense / UFF)
- Wilton Garcia Sobrinho (Faculdade Técnica do Estado de São Paulo / FATEC)

WEB MASTER / DESIGN / EDITORAÇÃO
 Antonio Kvalio (@O Sexo da Palavra)

"INTERSEXUALIDADES" (<http://iicml.com/intersexualidades/>) é um projeto estratégico do Instituto de Literatura Comparada da Universidade do Porto, financiado pela FCT - Fundação para Ciência e Tecnologia - Portugal, com integrantes de cerca de 20 países. No Brasil, articula-se com o Grupo de Pesquisa CNPq "Literatura e Diversidade Sexual" e com o GT ANPOLL "Homocultura e Linguagens". Em termos de Pós-Graduação, no Brasil, seus participantes integram o corpo docente de cerca de 10 programas de Mestrado e Doutorado.

LINKS/HIPERLIGAÇÕES ÚTEIS:
<http://www.uneb.br/>
<http://www.poscritica.uneb.br/>
<http://www.fctch.usp.br/>
<http://www.prgg.usp.br/index.php/p=br/faca-pos-na-usp/pr/og-amas-de-pos-graduacao/192-estudos-comparados-de-literaturas-de-lin-gua-portuguesa>

PAULO CÉSAR GARCIA
EMERSON INACIO
Organização

INTTER SEXUAL IDADES

INTERSEXUALIDADES /
INTERSECCIONALIDADES:
SABERES E SENTIDOS DO CORPO



1ª edição
Uberlândia
2019

SEXO da
PAIXÃO